

Museu Paraense Emílio Goeldi



CERÂMICA MARAJOARA

A Comunicação do Silêncio

Lilian Bayma de Amorim

**Belém
2010**



Governo do Brasil
Presidente da República
Dilma Vana Roussef

Ministro da Ciência e Tecnologia
Aloizio Mercadante Oliva

Museu Paraense Emílio Goeldi
Diretor
Nilson Gabas Júnior

Coordenador de Pesquisa e Pós-Graduação
Ulisses Galatti

Coordenador de Comunicação e Extensão
Nelson Sanjad

Serviço de Comunicação Social

Chefe do Serviço de Comunicação Social
Lilian Bayma de Amorim

Núcleo Editorial de Livros

Editora Executiva
Iraneide Silva

Editora Assistente
Angela Botelho

Designer
Andrea Pinheiro

Apoio Técnico
Tereza Lobão



CERÂMICA MARAJOARA

A Comunicação do Silêncio

Textos

Lilian Bayma de Amorim

Fotografias

Mário Quadros · Rômulo Fialdini · Catálogo do Museu Paraense Emílio Goeldi · Banco Safra

Edição de Fotos

Alexandre Garcia Monteiro

Arte da Capa e Editoração Eletrônica

Norberto Tavares Ferreira

Foto da Capa**Vaso marajoara**

Rômulo Fialdini · Catálogo do Museu Paraense Emílio Goeldi · Banco Safra

Ficha catalográfica

Coordenação de Informação e Documentação/ Museu Paraense Emílio Goeldi

Revisão editorial

Iraneide Silva

Impressão

Gráfica Alves

Amorim, Lilian Bayma de.

Cerâmica marajoara: a comunicação do silêncio/ Lilian Bayma de Amorim.

Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2010.

...p. : il. color.

ISBN: 978-85-61377-48-9

1. Cerâmica marajoara - Catálogos. 2. Arqueologia - Brasil - Amazônia. 3. Museu Paraense Emílio Goeldi - Coleção marajoara. I. Título.

CDD: 738.098115

Copyright by/por Museu Goeldi: 2010

Sumário

Apresentação**Prefácio**


- | | |
|---|----|
| 1. Entre o passado e o presente
A Divulgação Científica como meio de interação | 14 |
| 2. A Arqueologia e os Museus
A memória preservada | 18 |
| 2.1. Museu Goeldi e a arqueologia da Amazônia | 20 |
| 3. A comunicação pela arte
Traços reveladores de significados | 22 |
| 3.1. A cultura material como patrimônio da sociedade | 24 |
| 3.2. A identificação do paraense com a cerâmica marajoara | 25 |
| 3.3. A inclusão da iconografia marajoara no artesanato do Pará | 26 |
| 4. O Museu que não se vê
O passado sob guarda | 28 |
| 4.1. A coleção marajoara | 30 |
| 4.2. Os tesouros preservados | 32 |

Catálogo 34

Glossário 90

Referências 94

Crédito das coleções 96



Apresentação


Em *Cerâmica Marajoara: a comunicação do silêncio*, Lilian Bayma de Amorim, jornalista da Assessoria de Comunicação do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), evidencia, através de elementos da Coleção Marajoara sob a guarda do MPEG, a importância da divulgação da ciência como mediadora do conhecimento gerado pelos institutos de pesquisa e a sociedade.

A autora demonstra como o acesso ao saber científico pode despertar e incentivar o reconhecimento da produção material de povos que tinham domínio das técnicas de elaboração de cerâmica associada a uma riquíssima iconografia, relacionado a um processo de identificação e comunicação social. Também promove o interesse na preservação desse patrimônio como parte constituinte da memória para entendimento da sociedade atual.

O catálogo *Cerâmica Marajoara: a comunicação do silêncio* contém fotos e informações de peças de uma das mais importantes coleções do acervo arqueológico do Museu Goeldi, cujas peças se destacam pela forma e por uma iconografia exuberante.

Este trabalho revela a sintonia entre as áreas de pesquisa e de comunicação da ciência preocupadas em partilhar o conhecimento científico com a sociedade. Ademais, poderá ser um instrumento auxiliar para as escolas na demonstração de que os acervos dos museus são importantes documentos reveladores de informações e, portanto, um valioso e útil patrimônio para a sociedade.

Ana Vilacy Galúcio
Chefe da Coordenação de Ciências Humanas
Museu Paraense Emílio Goeldi





Prefácio


Cerâmica Marajoara: a comunicação do silêncio foi inspirado a partir da minha experiência ao longo de 20 anos como jornalista do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) e materializado por meio do amadurecimento intelectual processado durante o Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais da Fundação Getulio Vargas.


A minha atividade principal como jornalista consiste em divulgar para a imprensa, não só os resultados das pesquisas, mas também os métodos empregados pelos cientistas para a obtenção de determinado resultado.

A elaboração do catálogo deu-se a partir de fundamentação teórica baseada na divulgação científica como meio de partilhar conhecimento. O catálogo apresenta considerações sobre arqueologia, cultura marajoara e colecionismo.

Partindo do pressuposto que a socialização do conhecimento produzido pelas instituições de pesquisa permitirá aos cidadãos tomar decisões com melhor conhecimento de causa, não só para a sua vida pessoal, como também para o meio em que vivem, elaborei este catálogo com 53 fotos de peças da Coleção Marajoara sob a guarda do MPEG. A seleção das peças foi feita após acesso ao Banco de Dados da Reserva Técnica “Mário Ferreira Simões”¹ e durante visita à própria Reserva. O critério de amostragem para a seleção das peças foi baseado na diversidade, nas formas dos objetos e nas técnicas decorativas.

¹ Nome da coleção em homenagem ao pesquisador responsável pela criação do grupo de Arqueologia no MPEG.





Além disso, a seleção respeitou o critério de maior solicitação feita para exposições nacionais e internacionais.

As imagens dos objetos selecionados são acompanhadas por pequenos textos e legendas do mundo iconográfico da sociedade marajoara representado por urnas funerárias, tangas, estatuetas, vasos, bancos e utensílios. A identificação das peças aos critérios adotados pelo Banco de Imagens da Arqueologia.

A Coleção Marajoara é composta de 2.167 peças, sendo que 1.067 pertencem ao Museu Goeldi e 1.177 são de propriedade do Governo do Estado do Pará, que elegeu o MPEG como fiel depositário desses objetos.

A opção pela Coleção Marajoara deu-se pela sua importância para o conhecimento da Pré-História da Amazônia e devido à presença constante da iconografia marajoara no cotidiano da cidade de Belém como elemento identitário. É impossível deixar de reconhecer o fascínio estético do grafismo e do desenho marajoara como variável nessa escolha.


Acredito que os artefatos pré-históricos são veículos de comunicação reveladores de conhecimento e, como tal, têm importância para a valorização da História e para o entendimento da sociedade atual.

Por meio da riqueza e da complexidade das informações agregadas aos objetos pretendo demonstrar a importância de divulgar parte desse rico acervo para a preservação do patrimônio, da construção da memória, da identidade e da cidadania.

“Cerâmica Marajoara: a comunicação do silêncio” é uma amostra de bem material, representado pela cultura marajoara como prova da existência do homem em território brasileiro há dezenas de milhares de anos.

Espero que esta síntese sobre a coleção marajoara, possa ser um instrumento de acesso ao passado remoto como forma de entender as coleções como patrimônio para a sociedade.

Por fim, gostaria de agradecer ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que possibilitou, com aporte de recursos, a materialização desse catálogo.





ENTRE O PASSADO E O PRESENTE

A Divulgação Científica como meio de interação

1. Entre o passado e o presente

A divulgação científica como meio de interação

A comunicação da ciência para os diferentes espaços sociais tem sido uma preocupação constante das casas e museus de ciência, que dessa forma romperam com a tradição isolacionista do cientista e do conhecimento gerado nos contextos em que ambos são produzidos. Isso oferece possibilidades de compreensão e apropriação social do conhecimento e de seus benefícios, contribuindo para a formação de cidadãos engajados com a sua realidade e comprometidos com o futuro da humanidade. A complexidade do conhecimento científico e a quantidade de informação por ele gerada sugerem que a apropriação desses saberes não deve ficar restrita a uma pequena parcela da sociedade. Desse modo, a comunicação nos espaços de produção de conhecimento propicia sua transformação em locais alternativos de educação, tornando o conhecimento efetivamente um bem público. Considero que educação e pesquisa se complementam; não podem estar dissociadas e não devem ser consideradas privilégios de grupos, e, sim, meios para a construção de uma sociedade cidadã.

As novas tecnologias, que surgem em decorrência do conhecimento científico, causam impactos sociais, econômicos, ecológicos e, na maioria das vezes, não são compreendidas por grande parte da população. Cabe aos produtores de conhecimentos, como atores sociais, ações individuais e, sobretudo, institucionais, no sentido de fazer

circular o conhecimento na sociedade, possibilitar o entendimento dos processos e métodos empregados pela ciência para se chegar a uma determinada descoberta. Dessa forma, a socialização do conhecimento científico permitirá ao público leigo a integração do conhecimento científico à sua cultura. Essa preocupação tem sido uma constante no Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) que, desde sua fundação, em 1866, concentra suas atividades no estudo científico dos sistemas naturais e socioculturais da Amazônia. O MPEG tem incluído nas suas diretrizes a divulgação dos conhecimentos gerados e de seus acervos, tornando-se um construtor e disseminador da ciência, contribuindo para diminuir a distância entre o conhecimento científico e a sociedade.

Os museus se utilizam de várias formas de comunicação para fazer a interação entre o conhecimento produzido e o público, entre elas, a exibição e uso dos objetos que fazem parte de seu acervo. Transformar os objetos dos acervos científicos em instrumentos reveladores de conhecimento é uma forma de valorizar o patrimônio de uma determinada cultura e de preservar sua memória. Os valores atribuídos aos tesouros de um museu, às suas coleções de objetos materiais advindos de diferentes culturas e do ambiente natural, estão diretamente relacionados aos saberes construídos por meio da análise e pesquisa desses objetos. Esse conhecimento muitas vezes provoca mudanças não só na concepção de mundo dos indivíduos que entram em contato com os objetos, mas na sua vida cotidiana. Os museus, portanto, guardam tesouros de inestimáveis valores como o conhecimento e a capacidade de reformular e confrontar pensamentos a partir de uma nova informação. Os

estudos da arte de sociedades iletradas demonstram que os grafismos e as representações foram utilizados como instrumento de comunicação para consolidar a organização social de uma determinada sociedade (SCHAAN, 1997).

Desse modo, pretendo demonstrar, por meio da riqueza e da complexidade das informações agregadas aos objetos, a importância de divulgar parte do acervo arqueológico como instrumento para preservação do patrimônio, na construção de memória, identidade e cidadania.



A ARQUEOLOGIA E OS MUSEUS

A memória preservada

2. A arqueologia e os museus

A arqueologia é uma prática científica diversificada, que atua no estudo das pinturas e gravuras rupestres, vasilhas de cerâmica, entre outros vestígios arqueológicos repletos de simbolismo, que oferecem pistas sobre a vida e a cultura ancestrais. Ela é uma ciência que rompe a barreira do tempo para reconstruir o passado da humanidade com vistas ao entendimento da sociedade atual, usando como fonte de pesquisa objetos concretos produzidos pelas mãos do homem, deslocados do seu tempo e de sua utilização.

Os arqueólogos se incumbem de resgatar e conservar a herança cultural humana, com o propósito de compreender a formação da identidade de um povo e fazer a relação com a sociedade atual. Os vestígios materiais, objetos de estudo do arqueólogo, são depósitos de memória, material impregnado de informações à espera de uma interpretação, capaz de resgatar os pedaços de uma história perdida.

Graças aos museus, guardiões de memória e espaços de comunicação, é possível olhar o passado, para fazer a leitura do objeto exposto e ver a importância daquele objeto para a compreensão de sua realidade. Assim sendo, os museus cumprem o seu papel de mediador entre o passado e o presente.

O período dos viajantes naturalistas foi marcado pelo início das coleções de objetos com a função de apresentar em museus europeus a cultura material dos povos indígenas brasileiros. Com isso, houve uma grande dispersão de objetos coletados no Brasil, em

museus da Europa. Graças à criação do Museu Nacional, em 1818, no Rio de Janeiro, as peças provenientes das expedições estrangeiras, inclusive as arqueológicas, passaram a ter um espaço próprio que facilitaria a preservação da cultura material local, mesmo sendo, naquele momento, tratados como simples objetos de curiosidade.

A guarda dos objetos arqueológicos estava garantida. Mas, segundo Prous (2000, p. 27-28), a Arqueologia Pré-Histórica praticada pelo Museu Nacional, Museu Paulista e Museu Goeldi durante o século XIX, contribuiu para ratificar o pensamento europeu sobre a qualidade inferior dos objetos dos antigos habitantes do país. Não obstante a carência de métodos científicos que pudessem evidenciar a supremacia dos artefatos arqueológicos, pode-se inferir que esses museus foram os responsáveis pelo impulso inicial ao desenvolvimento da pesquisa arqueológica no Brasil, suprimindo a carência de centros de pesquisa, no país, naquela época.

2.1. Museu Goeldi e a arqueologia na Amazônia

Ao longo de mais de um século, a área de arqueologia do Museu Goeldi desenvolve pesquisas na Amazônia, no âmbito da Arqueologia Pré-Histórica e mais recentemente, da Arqueologia Histórica, no sentido de evidenciar o potencial arqueológico e entender o processo de ocupação humana na região. Além das pesquisas acadêmicas, a instituição tem se envolvido na execução de projetos de salvamento de sítios arqueológicos, que se tornam

cada vez mais frequentes, tendo em vista a legislação estabelecida pela Portaria do Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama), criada em 1986, a qual exige a interferência de profissionais de várias áreas para realização de estudos em áreas de obras que possam prejudicar o solo e o meio ambiente.

A área de arqueologia do Museu Goeldi contribui de forma fundamental na formação de jovens universitários, por meio de programas de bolsas e estágios, dando prosseguimento às investigações arqueológicas na Amazônia.

A Educação Patrimonial também se faz presente nas ações empreendidas pelo MPEG com a finalidade de difundir, valorizar e preservar o patrimônio arqueológico da região. Dessa forma, a sociedade poderá reconhecer o valor dos bens culturais presentes no seu dia a dia.

A trajetória do Museu Goeldi na pesquisa arqueológica o transformou em referência mundial para os estudos dos tempos da ocupação original da Amazônia, numa importante contribuição para o conhecimento científico e para o desenvolvimento de políticas públicas para a região.



A COMUNICAÇÃO PELA ARTE

Traços reveladores de significados

3. A comunicação pela arte

Diferentemente da concepção de arte ocidental, a arte dos povos sem escrita, segundo o conceito de alfabetização, seria confeccionada a partir da necessidade do grupo e de indivíduos, e não para deleite do artista. A arte pré-colombiana, portanto, teria uma função social e utilitária, além de artística (BARRETO, 2005; SCHAAN, 1999). Cada sociedade indígena teria seu estilo próprio, o qual é revelado por meio da linguagem visual dos objetos materiais e compreendido pelos integrantes daquela comunidade (VELTHEM, 2003). Na decoração dos objetos estão contidas as regras sociais de cada grupo.

São muitas as variações de estilos e de formas de decorações encontradas na cerâmica marajoara. Para Schaan (1999), as representações de animais e plantas são chamadas de realistas ou naturalistas, por expressarem semelhança com a realidade, e icônicas¹, as quais são marcadas por suas formas simples ou estilizadas de expressão. Algumas vezes, o nível de sofisticação dos desenhos é muito elevado, ficando quase imperceptíveis os traços característicos de partes do corpo humano ou de animais.

Em um passado remoto, os objetos eram usados como meio de transmitir informações a respeito de normas sociais vigentes. As peças são armazenadoras de informações. Na concepção atual, são consideradas como “textos” sem grafias, mas repletos de símbolos capazes de expressar ideologias e visões de mundo.

¹ Motivos decorativos nem sempre identificados à primeira vista que nos remetem a um referente conhecido (SCHAAN, 2001, p.458). Um exemplo disso são os desenhos estilizados de escorpiões.

A herança material dos povos sem escrita permite a realização de pesquisas por meio de analogias com as sociedades indígenas atuais, para conhecer e elucidar as mudanças sociais ocorridas nessas sociedades.

3.1. A cultura material como patrimônio da sociedade

Os objetos de uma coleção científica, no caso a Coleção Marajoara do Museu Paraense Emílio Goeldi, devem ser compreendidos como artefato-documento dessa cultura indígena e, conseqüentemente, como patrimônio cultural a partir de sua musealização. Esse procedimento possibilita a percepção desses bens como herança, tendo como ponto de partida sua preservação e exposição ao público, como forma de comunicação e interação entre o passado e o presente.

Desse modo, esses bens estarão sendo partilhados e contribuirão para a formação de conceitos e percepções individuais acerca da relação passado-presente, mesmo sob concepções museológicas permeadas de preconceitos, simbologias e de contrastes, como a mistura de peças antigas com o aparato tecnológico disponível.

A arqueologia Pré-Histórica tem como fonte de pesquisa os artefatos produzidos por grupos sociais não mais existentes. A divulgação da cultura material para a sociedade é uma necessidade premente, pois os sítios arqueológicos estão constantemente ameaçados de destruição, pelos mais diversos motivos, entre os quais o turismo desordenado e a

implantação de empreendimentos com interesse financeiro por parte de empresas e até mesmo do próprio Estado. Nesse sentido, o contato com os objetos poderá despertar no cidadão comum o interesse pela preservação dos sítios, levando-os a perceber a arqueologia como uma ciência relevante para as suas vidas.

3.2. A identificação do paraense com a cerâmica marajoara

Herdeiro dos estilos cerâmicos das culturas arqueológicas marajoara e tapajônica, o povo paraense tem uma predileção ao motivo decorativo marajoara. Essa apropriação pode ser percebida pela produção crescente de artesanato de Icoaraci, distrito próximo à cidade de Belém, reconhecido, tanto no Brasil, como no exterior, como polo de referência na reprodução de peças² com inspiração em motivos da cultura marajoara.

No Pará, além de Icoaraci, existem mais dois importantes polos produção de cerâmica artesanal, representados pelos municípios de Santarém e Ponta de Pedras. Porém, o distrito de Icoaraci destaca-se pela quantidade e qualidade de produtos.

² Em 1998, o Governo do Estado do Pará juntamente com o Serviço de Apoio as Micros e Pequenas Empresas (SEBRAE) com apoio do MPEG instalaram o *Programa de Artesanato do Pará*. O Programa proporcionou, a exemplo do que o MPEG já havia feito na década anterior, o contato com os principais elementos das culturas Marajoara, Maracá e Tapajônica (1999, p. 7). Como resultado desse trabalho foi elaborado pelo Sebrae e MPEG o livro "A Arte da Terra: Resgate da Cultura Material e Iconográfica do Pará"

3.3. A inclusão da iconografia marajoara

A produção de cerâmica em Icoaraci teve início no final do século XIX com a produção artesanal de peças de uso cotidiano, como vasos alguidares e panelas feitas de barro. Esse processo de confecção das peças é devido, entre outros fatores, à abundância do barro encontrado na região.

A partir da década de 1950, surge a cerâmica decorada, feita pelo artesão Antonio Farias Vieira, com inspiração em uma fotografia de um vaso marajoara. Outro marco importante para o aparecimento da cerâmica considerada artística foi a dedicação de Raimundo Saraiva Cardoso, artesão mais conhecido como "Mestre Cardoso", responsável pela introdução definitiva desse estilo no artesanato de Icoaraci. O interesse de Mestre Cardoso por esse motivo decorativo se deu durante uma visita ao Museu Paraense Emílio Goeldi nos idos de 1968. Seu interesse foi apoiado por Conceição Gentil e Mário Simões, pesquisadores da área de arqueologia do MPEG, que permitiram seu livre acesso à Reserva Técnica para conhecer o acervo arqueológico da instituição. Desde então, surgiu uma colaboração que perdura até hoje entre o MPEG e os artesãos de Icoaraci (COIROLO, 2005). A colaboração se faz por meio de treinamento em contato com as peças originais, para o aprimoramento da arte de elaborar artesanato, com o objetivo de proporcionar " [...] o bem estar da população e o fortalecimento de nossa identidade cultural." (RODRIGUES, 1999, p.10).

A busca por essa identificação pode ser considerada uma forma de resgatar e preservar o passado, perante a influência de agentes externos devido à nossa exposição ao mundo. O motivo marajoara pode ser entendido como o referente que identifica o paraense como o “detentor” da cultura marajoara e como ícone unificador dessa sociedade.



O MUSEU QUE NÃO SE VÊ

O passado sob guarda

4. O museu que não se vê

As reservas técnicas são guardiães de coleções que fazem parte do acervo de um museu, preciosos depósitos de memória, material impregnado de informações que esperam por uma interpretação acurada, capaz de resgatar os pedaços de uma história perdida.

O início do recolhimento de objetos materiais das culturas indígenas deu-se com a descoberta do Novo Mundo (RIBEIRO; VAN VELTHEM, 1992). Os artefatos eram levados para a Europa por viajantes e naturalistas europeus, a partir da segunda metade do século XVIII até fins do século XIX, principalmente franceses e alemães, que visitavam o Brasil para coletar plantas, animais e artefatos e transportá-los para os seus países. Os naturalistas e viajantes foram os principais responsáveis pela construção de uma interpretação do país, de acordo com a percepção dos lugares visitados, o que garantia a veracidade de suas narrativas. Na Europa, esses artefatos passaram a fazer parte dos “gabinetes de curiosidades”, precursores dos atuais museus. Os objetos eram apreciados pelo seu exotismo e pelo caráter único dos materiais que os constituíam.

No final do século XIX, a tarefa de coletar passou a ter um outro enfoque por parte dos viajantes; a preocupação voltou-se para as informações contidas nesses artefatos quanto à origem e à evolução do homem (RIBEIRO; VAN VELTHEM, 1992). Os valores atribuídos aos objetos era o de testemunhar a condição primitiva e inferior da cultura americana em relação à europeia. Desde então, os objetos de um museu, principalmente os etnográficos, passaram a ter um valor não só de contemplação mas também de evidências para compreender o universo cultural de sociedades.

4.1. A coleção marajoara

A coleção de cerâmica marajoara que está sob a responsabilidade do Museu Goeldi é composta de objetos de cerâmica manufaturados por grupos indígenas que habitaram a região amazônica desde aproximadamente 500 AD. De acordo com as análises da cerâmica, esses povos foram divididos em cinco fases arqueológicas. A fase marajoara é a quarta na sequência da ocupação da ilha de Marajó e considerada pelos pesquisadores Betty Meggers e Clifford Evans (1957) como a mais evoluída.

Composta de vários objetos classificados por formas e técnicas decorativas, a coleção destaca-se pelos vasos, estatuetas, pratos, tangas, inaladores, urnas, bancos, tigelas, vasilhas, entre outros. As técnicas decorativas usadas são a pintura, incisão, excisão e modelagem.

A coleção marajoara sob a guarda do Museu Goeldi é formada por mais de 2.000 peças entre inteiras, semi-inteiras e fragmentos. Essa coleção é formada a partir do resultado de pesquisas científicas, comodato e doações.

Escolhida para ser objeto do estudo cujos resultados são apresentados nessa obra não só pela sua exuberância estética, como também pela importância que representa para o conhecimento da história de populações amazônicas antigas, a cerâmica marajoara está associada à cultura do povo paraense. Isto pode ser verificado por meio de impressos de divulgação do estado do Pará, de passeios públicos da cidade de Belém e artesanato que reproduzem desenhos e formas marajoaras, que remetem aos antepassados.

A seleção das peças que fazem parte do catálogo foi tarefa difícil, pois a cada olhar me deparava com formas e desenhos diferentes que expressavam significados os mais distintos. Como critério para a seleção, procurei objetos que fossem representativos da diversidade de formas e decorações. Dessa maneira, selecionei 106 peças a serem fotografadas. A partir dessas fotos, escolhi 53 para serem editadas e fazerem parte do catálogo **“Cerâmica Marajoara: a comunicação do silêncio”**. Vale ressaltar que a identificação das peças é a mesma do Banco de Dados da Reserva Técnica Mário Ferreira Simões, do Museu Paraense Emílio Goeldi.

Posso afirmar que a divulgação desses objetos é mais uma aliada na conscientização para a preservação desse patrimônio, e permitirá entender a história do passado a partir de uma outra perspectiva e da expressão de significados pelos atores da história de forma a apreender o momento a partir daquilo que os atores de então conseguem relatar por meio da cultura material.

Espero que essa forma de divulgar a cultura marajoara ajude a sensibilizar a população, no sentido de fazê-la compreender a importância desse acervo para a preservação do patrimônio cultural brasileiro.

4.2. Os tesouros preservados

O naturalista mineiro Domingos Soares Ferreira Penna foi o pioneiro nas pesquisas sobre cerâmica e outros vestígios materiais dos primeiros grupos humanos que viveram na Amazônia. O naturalista foi também o primeiro a contribuir para a formação do acervo arqueológico do Museu Paraense durante suas viagens de exploração na Ilha de Marajó, nos rios Tocantins, Amazonas, Xingu, Maracá³ e no litoral do Pará, que transcorreram na década de 70 do século XIX (BARRETO, 1992).

³ O rio Maracá fica localizado na região sudoeste do Estado do Amapá.

Na Reserva Técnica “Mário Ferreira Simões”, os objetos são identificados e organizados, proporcionando condições de segurança, estudo, acondicionamento do acervo para posterior exibição em mostras pelo mundo afora. Como já foi dito anteriormente, a Reserva Técnica reúne 110.800⁴ itens inteiros, fragmentos de cerâmica, artefatos líticos e outras evidências materiais procedentes de quase todos os estados da Amazônia Legal.

A existência de coleções de arqueologia, etnografia, botânica, zoologia, linguística e de livros raros atribuído ao MPEG uma grande importância cultural, derivada da significação coletiva e individual atribuída aos objetos pela sociedade produtora. Dessa forma, tais coleções permitem que o Museu Goeldi seja um lugar onde a sociedade tenha acesso aos artefatos relacionados com a sua própria história. Por isso é importante ressaltar a divulgação do acervo como fonte de conhecimento a serviço da sociedade.

⁴ Ver Guapindaia em seu trabalho “Acervo arqueológico do Museu Paraense Emílio Goeldi” (2002).



CATÁLOGO

A presença feminina - TANGAS

As tangas da cerâmica marajoara, juntamente com as urnas funerárias e as estatuetas com atributos femininos, são evidências arqueológicas repletas de significados que podem levar pesquisadores a inferir sobre a participação feminina na sociedade marajoara.

Também conhecidas como “tapa-sexo”, as tangas apresentam forma triangular, côncavas, feitas em cerâmica, com furos nas extremidades por onde passavam cordões para serem ajustadas junto ao corpo de mulheres.

Usadas em cerimônias e também como vestimenta, as tangas encontradas em aterros-cemitérios, apresentam formato anatômico e diversos tamanhos o que leva a crer que eram feitas sob medida. As tangas de cor vermelha, simples, seriam usadas por mulheres mais velhas ou casadas e as decoradas por mulheres mais jovens provavelmente em rituais de puberdade (SCHAAN, 2005).

Em carta enviada para Ladislau Netto, diretor do Museu Nacional, sobre os achados arqueológicos da Ilha de Marajó, Domingos Soares Ferreira Penna (1879), diz que a verdadeira denominação de tanga seria *Babal*, designação empregada pelos Aruans ao objeto que na sua língua sugere a ideia de avental.



Tanga com motivo decorativo em vermelho sobre engobo de cor clara. Na parte superior destacam-se decorações diferentes.

Medidas
Comprimento: 11,3 cm
Largura: 13,3 cm
Espessura: 0,9 cm

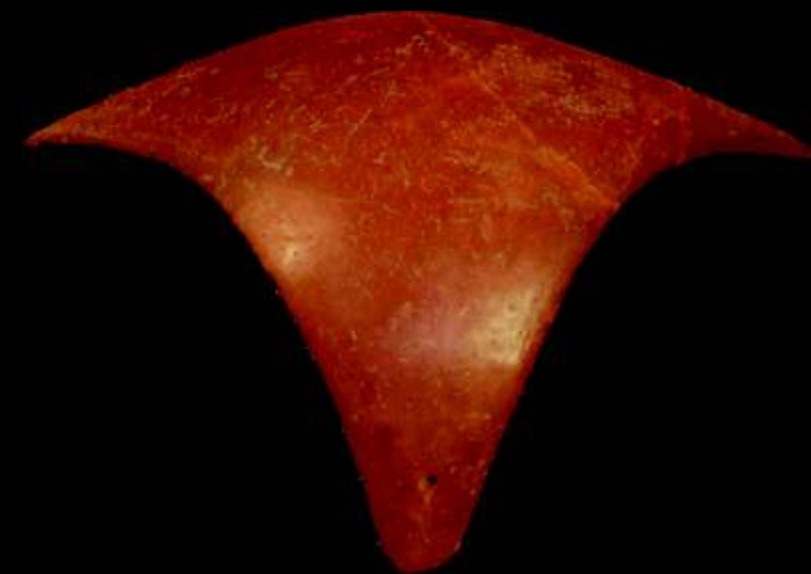


Tanga simples com pintura vermelha.

Medidas
Comprimento: 12 cm
Largura: 16,5 cm.



Tanga simples com engobo vermelho polida.





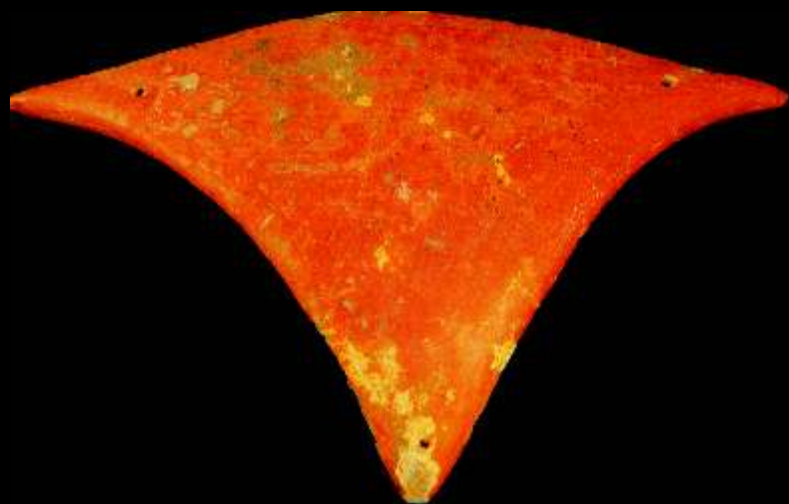
Tanga com motivo decorativo em vermelho sobre branco. Na parte superior destacam-se duas faixas com decorações diferentes.

Medidas
Comprimento: 11,5 cm
Largura: 13,8 cm
Espessura: 0,8 cm



Tanga com motivo decorativo pintado em vermelho e marrom sobre engobo branco. A peça apresenta traço de restauração.

Medidas
Comprimento: 11,5 cm
Largura: 14,5 cm



Tanga simples
com engobo vermelho

Medidas
Comprimento: 12,3 cm
Largura: 19,1 cm

Vida após a morte - URNAS FUNERÁRIAS

As cerimônias fúnebres eram ocasiões propícias para expressar mitos e crenças e também para demonstração de poder. A decoração mais elaborada da urna funerária demonstrava que o morto ocupava um lugar de destaque naquela sociedade.

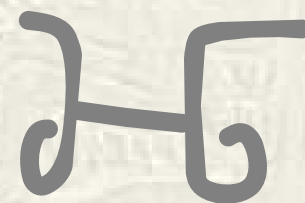
Além das antropomorfas com traços femininos, também são encontradas urnas com desenhos que podem representar animais, ou de forma híbrida, humano e animal. Independente do sexo do indivíduo depositado na urna, a decoração encontrada é de representação referente ao sexo feminino.

Para fazer o enterramento de seus mortos o povo Marajoara descarnificava os corpos. Somente os ossos, limpos e pintados de vermelho, eram depositados nas urnas, pois eles acreditavam que os ossos constituíam o depósito da alma e as urnas seriam o meio para a passagem a uma outra vida. Junto aos ossos também são encontrados objetos de uso pessoal como bancos, tangas, pingentes e colares.



Urna com excisões sobre engobo vermelho.

Medidas
Altura: 39 cm
Base: 21cm

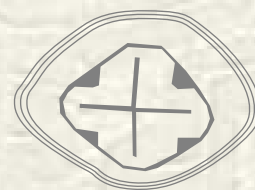


Urna com excisões sobre engobo vermelho. Na base, pintura cinza envolvendo o relevo. Apêndices zoomorfos.

Medidas
Altura: 35,5 cm

Diâmetro
Boca: 27 cm
Bojo: 31 cm

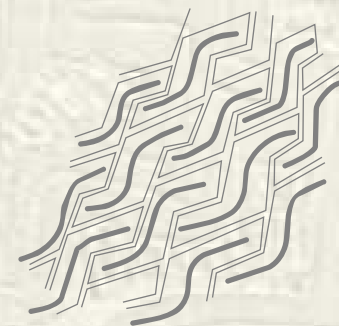




Urna com motivo decorativo
inciso sobre engobo branco,
com retoques de pintura
vermelha.

Medidas
Altura: 41 cm

Diâmetro
Bojo: 35 cm
Boca: 32 cm



Urna com incisões
em vermelho sobre
engobo branco e
base sem decoração.

Medidas
Altura: 38 cm
Largura: 40 cm

Diâmetro
Base: 15 cm





Urna antropomorfa
com motivo decorativo
em vermelho sobre
engobo branco com
apliques de boca,
nariz e olhos pintados.

Medidas
Altura: 52 cm

Diâmetro
Bojo: 50,5 cm



Vaso antropomorfo com
apliques na forma
de olhos, boca e nariz
em 3 dimensões.

Medidas
Altura: 32 cm
Largura: 38 cm





Urna com motivo pintado em vermelho e preto sobre branco com apliques em relevo de boca, nariz e olhos.

Medidas
Altura: 34 cm

Diâmetro
Bojo: 32 cm

Urna zoomorfa com motivo decorativo pintado em preto e vermelho sobre engobo branco com apliques em relevo de boca, olhos e nariz.

Medidas
Altura: 46 cm

Diâmetro
Bojo: 44 cm



Imagens humanas - ESTATUETAS

Caracterizadas por seus atributos femininos, como seios, triângulos ou retângulos pubianos e pela diversidade de decoração, de tamanho e de forma, alguns exemplares das efígies Marajoara apresentam forma fálica, obtendo uma espécie de síntese entre as características dos sexos feminino e masculino num mesmo objeto. Muitas delas também parecem ter sido usadas como instrumentos musicais como “maracás”, provavelmente em rituais, pois são ocas e possuem pedrinhas em seu interior produzindo sons, quando sacudidas (SCHAAN, 2001).

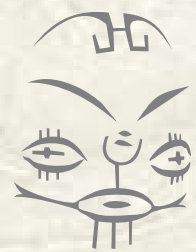
As estatuetas reproduzem as formas humanas de maneira estilizada e despertam interesses sobre a sua finalidade. Por serem sempre encontradas em aterros-cemitérios, pode-se inferir que estas teriam uma função cerimonial. Segundo Schaan (2005), às imagens portáteis são atribuídas funções de veículos para a encarnação de espíritos durante cerimônias.

A postura das estatuetas Marajoara, quase sempre acocorada, sugere à posição de parto das índias das sociedades amazônicas (BARRETO, 2004).

Estatueta antropomorfa com motivo decorativo em pintura vermelha sobre branco, seios em relevo e membros atrofiados.

Medidas
Altura: 8,5 cm
Largura: 4,5 cm





Estatueta antropomorfa com motivo decorativo em pintura vermelha e preta sobre branco. Desenhos que sugerem serpentes em volta do corpo e olhos em formato de escorpião. O suporte tem formato falomorfo e indicações de atributos femininos, seios e região pubiana em destaque.

Medidas
Altura: 21,5 cm
Largura: 13,1 cm
Profundidade: 9,1 cm

Estatueta antropomorfa com motivo decorativo em incisões sobre vermelho. Indicação de ventre.

Medidas
Altura: 10,7 cm
Largura máxima: 7,4 cm





Estatueta antropomorfa.
Decoração em excisões
sobre vermelho. Relevo em
formato de olhos, boca e nariz.

Medidas
Altura: 14 cm de altura
Largura: 8,5 cm

Diâmetro
Boca: 3,5 cm
Base: 5,5 cm

Utensílios para festas

Vários utensílios com formas utilitárias são objetos cerâmicos com elaborada decoração que costumavam ser usados em funerais e em ritos de passagem pela sociedade Marajoara. Pratos, tigelas e vasos têm seu uso associado ao preparo dos alimentos, e para servi-los durante cerimônias. A grande quantidade desses objetos encontrada em sítios arqueológicos, sugere que as festas congregavam um grande número de pessoas, possivelmente oriundas de outros lugares.

Os inaladores são manifestações da sociedade Marajoara que podem estar relacionadas ao uso do tabaco ou de substâncias alucinógenas usadas durante as festas.



Prato raso com pintura em vermelho sobre branco na parte interna.

Medidas
Altura: 6,5 cm
Largura: 32 cm

Alguidar com pintura vermelha sobre branco.

Medidas
Altura: 8,5 cm

Diâmetro
32,5 cm





Prato raso com pintura em vermelho sobre branco na face interna e incisões na borda externa. Apêndices zoomorfos nas extremidades.

Medidas
Altura: 10 cm
Largura: 31,5 cm



Prato raso com pintura em vermelho sobre branco na parte interna e incisões na externa. Apêndices zoomorfos nas extremidades.

Medidas
Altura: 10 cm
Largura: 31,5 cm



Prato com dois motivos decorativos na parte interna em vermelho sobre branco e apêndice.

Medidas
Altura: 4 cm

Diâmetro
19,5 cm

Alguidar com motivo decorativo pintado em vermelho sobre engobo branco na parte interna e externa.

Medidas
Altura: 6,5 cm

Diâmetro
Borda: 28,5 cm





Tigela com decoração em vermelho sobre branco na face externa.

Medidas
Altura: 7 cm

Diâmetro
Borda: 16 cm



Prato com motivo decorativo geométrico em pintura vermelha sobre branco na face interna e excisões na externa. Apêndices zoomorfos.

Medidas
Altura: 7 cm

Diâmetro
Largura: 34,5 cm





Tigela com motivo decorativo em preto sobre branco na parte interna e na borda externa. Na base externa vermelho sobre branco.

Medidas
Altura: 11,8 cm

Diâmetro
Borda: 26,6 cm



Tigela rasa com motivo decorativo em marrom.

Medidas
Altura: 9,7 cm

Diâmetro
19 cm de borda





Tigela pequena com pintura em incisões em vermelho e amarelo sobre branco com motivo decorativo geométrico na parte externa.

Medidas
Altura: 5,3 cm

Diâmetro
Borda: 16 cm
Base: 5 cm



Vaso com incisões em branco e excisões em vermelho na parte e base externa.

Medidas
Altura: 12 cm

Diâmetro
Boca: 21,5 cm
Bojo: 23,5 cm





Tigela com dois tipos de motivos decorativos: na parte interna incisões em vermelho sobre engobo branco e na externa pintura em vermelho sobre engobo branco. Apêndices Zoomorfos.

Medidas
Altura: 11 cm

Diâmetro
Borda: 22 cm
Base: 14,5 cm

Tigela com engobo branco e incisões na parte externa.

Medidas
Altura: 7 cm

Diâmetro
Borda: 11 cm
Base: 8 cm





Vaso com incisão em
vermelho sobre branco.

Medidas
Altura: 12,5 cm

Diâmetro
Bojo: 16 cm

Vaso antropomorfo
com modelagem em
forma de olhos e boca.

Medidas
Altura: 13 cm

Diâmetro
Boca: 9,4 cm
Base: 7,5 cm
Largura: 15 cm





Vaso com olhos criados por incisões formando um corpo estilizado de escorpião.

Medidas
Altura: 8 cm

Diâmetro
Bojo: 10,5 cm
Boca: 6,8 cm



Vaso com excisão em branco retocado. Apêndice zoomorfo.

Medidas
Altura: 7,5 cm

Diâmetro
Bojo: 10 cm
Boca: 8 cm



Vaso decorado com excisão sobre engobo vermelho.

Medidas
Altura: 5,8 cm

Diâmetro
Boca: 6,5 cm
Corpo: 6 cm



Vaso com motivo decorativo pintado em vermelho sobre branco.

Medidas
Altura: 26 cm

Diâmetro
Bojo: 28,3 cm
Boca: 16,5 cm





Vaso com gargalo duplo

Medidas
Altura: 12,5 cm
Comprimento: 12,6 cm

Diâmetro
Base: 6,5 cm



Vaso com incisões
sobre engobo branco.
Modelagem e pintura
vermelha sobreposta.

Medidas
Altura: 8,5 cm

Diâmetro
Borda: 8,7 cm
Boca: 9 cm





Vaso com apêndices zoomorfos. Incisões em vermelho sobre branco.

Medidas
Altura: 4,5 cm

Diâmetro
Bojo: 10,5 cm
Profundidade: 12,7 cm



Vaso com motivo decorativo em vermelho sobre incisões. No lado esquerdo da peça saliência em forma de um atributo feminino (seio).

Medidas
Altura: 16,5 cm
Largura: 26 cm

Diâmetro
Boca: 7 cm





Vaso com pedestal

Medidas
Altura: 11 cm

Diâmetro
Bojo: 18,7 cm
Base: 12,5 cm



Vaso zoomorfo com
motivo decorativo em
incisões sobre branco.

Medidas
Altura: 10 cm
Profundidade: 10 cm



Vasilha com motivo decorativo em excisões em vermelho sobre branco na parte externa, Na base externa identifica-se motivo decorativo diferente.

Medidas
Altura: 11 cm

Diâmetro
Boca: 14 cm
Bojo: 18,5 cm



Vaso com incisões em vermelho sobre branco.

Medidas
Altura: 22,2 cm

Diâmetro
Bojo: 24 cm
Boca: 15,5 cm



Banco com orifício central e motivo decorativo com incisões em cinza sobre branco na parte externa.

Medidas
Altura: 10,3 cm

Diâmetro
Assento: 24,5 cm
Base: 23 cm



Bancos de base circular com pintura em vermelho e motivo decorativo com incisões.

Diâmetro
Assento: 6 cm
Base: 15,5 cm



Banco com motivo decorativo com pintura em vermelho sobre branco, incisões no assento e na parte externa.

Medidas
Altura: 3 cm

Diâmetro
Assento: 8 cm
Base: 7 cm



Inalador com motivo decorativo em vermelho sobre branco.

Medidas
Altura: 3,1 cm
Comprimento: 10,3 cm
Largura: 5,5 cm





Inalador com pintura em vermelho sobre branco.

Medidas
Altura: 6 cm

Diâmetro
Bojo: 8,3 cm
Borda: 6,6 cm

Glossário

Algumas definições de termos relacionados ao universo da arqueologia.

Apêndice - espécie de ornato adicionado à parte externa da peça de cerâmica que pode ser representado por animais e figuras humanas.

Antiplástico - material não plástico encontrado na **argila** usado para prevenir os riscos de rachadura na cerâmica.

Argila - matéria-prima de origem mineral utilizada para a confecção de cerâmica.

Aterros - construções erguidas pelas mãos do homem. Geralmente próximas às áreas alagadiças tem nível elevado com finalidade de proteger as moradias, os cemitérios e os templos. Os aterros recebem denominações variadas de acordo com as regiões geográficas.

Ver também **tesos, murundus, cerritos e mound**.

Cerritos - denominação de aterros empregada no Rio Grande do Sul. Ver também **mound**.

Datação - técnica usada para determinar o período em que viveu o povo que produziu a **cultura material** objeto de estudo do arqueólogo. A datação é dividida em: **relativa** e **absoluta**.

Datação relativa - processo utilizado para determinar o período em que viveu o povo que produziu a cultura material baseado na **estratigrafia**.

Datação absoluta - técnica a qual utiliza métodos físico-químicos, que permite saber a data de restos orgânicos como o carvão vegetal.

Estratigrafia - processo utilizado para identificar as camadas do solo de acordo com a “lei da superposição”, a partir da qual as camadas superiores são consideradas as mais recentes e as mais profundas são as mais antigas.

Incisão - técnica de gravação de peças. Com a peça ainda crua, , não queimada utiliza-se instrumento contra a superfície para produzir linhas ou desenhos em baixo-relevo que podem ter largura, comprimento e profundidade diversos.

Excisão - técnica de gravação de peças. Antes ou depois da queima utiliza-se um instrumento para a remoção de porções da superfície da cerâmica. Tais áreas variam de acordo com a forma, tamanho e profundidade.

Engobo - técnica de acabamento das peças. Antes da queima da cerâmica aplica-se um revestimento de barro fino contendo ou não pigmentos. Essa técnica é usada com a finalidade de dar melhor acabamento à peça.

Mounds - É a denominação técnica da arqueologia para a denominação de aterros.

Murundus - denominação empregada para aterros no Pantanal Matogrossense, na região Central do Brasil.

Sítios arqueológicos - locais onde são encontrados os objetos que testemunham a existência das sociedades do passado. De acordo com o período de ocupação os sítios são classificados em **Pré-Histórico** e **Histórico**.

Sítios Pré-Históricos - locais onde são encontrados vestígios produzidos por sociedades indígenas que ocuparam a região antes do contato com o europeu. **Etnoarqueologia** - ciência que tenta compreender por meio da observação do presente a maneira como os **vestígios materiais** podem informar sobre o comportamento e os padrões culturais de sociedades extintas.

Vestígios materiais ou cultura material - evidências constituídas de objetos manufaturados as quais são utilizadas pela arqueologia, para conhecer o meio de vida, assim como, o ambiente em que viviam as sociedades antigas.

Sambaqui - tipo de sítio arqueológico onde são encontradas conchas, restos de alimentos e de esqueletos depositados em praias.

Referências

BARRETO, C. A construção do passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. **Revista USP**, v.44, p. 32-51, 1999-2000.

_____. Arte e Arqueologia na Amazônia Antiga. In GRUPIONI, L.D. (Ed.) *Brésil Indien: Les arts des Amérindiens du Brésil*. Paris : Hoebeke, 2005..

BARRETO, M. V. História da Pesquisa Arqueológica no Museu Paraense Emílio Goeldi. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Antropologia**, v.. 8, n. 2, p. 203-294.1996.

COIROLO, A. D. **A cerâmica de Icoaraci**, Pará, Brasil. 2005. 1 CD-Rom

GUAPINDAIA, V. L. C. **O acervo arqueológico**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. 2003. Manuscrito.

GONÇALVES, J. R. S. O templo e o fórum. In: **A invenção do patrimônio**. Rio de Janeiro, IPHAN, 1995, p.55-66.

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. **Arte da terra**: resgate da cultura material e iconográfica do Pará. Belém:SEBRAE, 1999.

NEVES, E. O Velho e o Novo na Arqueologia Amazônica. **Revista USP**, Dossiê Antes de Cabral: Arqueologia Brasileira I, 44. São Paulo, 1999 2000a

PROUS, A. Arqueologia, Pré-História e História. In.: TENÓRIO, M. C. (Org.). **Pré-História da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

PENNA, D. S. F. Apontamentos sobre os cerâmios do Pará. In.: **Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro**. p. 47-66. v.2. Rio de Janeiro, 1879.

RIBEIRO, B. G. ; VELTHEM, L. Coleções Etnográficas. Documentos materiais para a historia indígena e a etnologia .In: CUNHA, M.C. (Org.) *Historia dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ROOSEVELT, A. C. Arqueologia Amazônica. In.: CUNHA, M. (Org.). **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

RODRIGUES, A. O. Artesania e identidade regional. In.: **Arte da terra**: resgate da cultura material e iconográfica do Pará. Belém: Edição SEBRAE, 1999.

SCHAAN, D. P. **A Representação Humana na Arte Marajoara**. Texto escrito para a exposição Marajó: Retratos de Barro. Belém: Museu de Arte de Belém, 1999.

Crédito das coleções

Coleção Museu Paraense Emílio Goeldi

Páginas: 33, 34, 36, 37, 40, 42, 43, 44, 45, 50, 51, 52, 62, 64, 65, 69, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83

Coleção Governo do Estado do Pará

Páginas: 35, 38, 41, 46, 47, 49, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 80, 84, 85, 86